

A APAIXONANTE HISTÓRIA DOS CARMELITAS POLACOS QUE VIVERAM O DRAMA DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO



1. Dachau e os carmelitas

O nome de Dachau encontra-se terrivelmente identificado com a morte de milhares de pessoas, com as deportações em massa, com câmaras de gás e com crimes horrendos. Quando se visita hoje aquele campo de concentração, a cinquenta anos de distância de todos aqueles acontecimentos, a frase que se repete por toda parte é o “*Nie Wieder!*” (nunca mais!). Hoje, o Campo de concentração se converteu num museu no qual o visitante pode observar como se desenvolvia a vida naquele inferno, os fornos crematórios, as câmaras de gás (que, curiosamente, nunca foram utilizadas), um dos barracões dos presos, etc. A isso se unem fotografias, objetos pessoais e documentos que nos recordam que as cifras de mortos não são listas anônimas, mas pessoas com nome e sobrenome, com famílias, com vidas que foram truncadas pela guerra e pelo absurdo. O lugarejo, próximo a Munich, sofre, dia a dia, a presença/lembança do passado. O povoado alemão, apesar de certas minorias, tem sabido dar uma lição de abertura e de coragem históricas. A barbárie, desgraçadamente, não é exclusividade de ninguém. Os *gulags* russos, as bombas atômicas, ou mais recentemente, a guerra da ex-Yugoslavia, nos recordam que o nefasto patrimônio da violência, da intolerância e da violação dos direitos humanos está bastante distribuído.

Dachau tem também certo significado religioso. Ali morreram muitas pessoas pelo mero fato de ter suas crenças. Hoje, três pequenos templos convidam à oração, à reconciliação e à busca da paz: um católico, outro protestante e o terceiro, judeu. Além disso, um mosteiro de Carmelitas Descalças, construído em 1964, tenta ser um sinal humilde de penitência e oração. O ser humano, ensoberbecido por seus avanços, mitificado em si mesmo e em seu progresso, necessita olhar para céu, e essas monjas lhe recordam que ele não é dono da vida, a qual é um dom de Deus.

Para os carmelitas, Dachau tem, ademais, um significado muito especial. Neste campo morreu, em 26 de junho de 1942, o Pe. Tito Brandsma. Fizeram-no prisioneiro na Holanda, sua pátria, por defender a liberdade de expressão da imprensa católica – da que era assistente religioso – e por proteger os direitos das crianças judias que, segundo a legislação do governo de ocupação, deviam ser expulsas dos colégios religiosos. O Pe. Tito passou por vários campos de concentração antes de chegar a Dachau. Em todos eles foi deixando uma recordação inapagável de serenidade, simplicidade, humanidade e perdão. Em Dachau passou os últimos dias de sua *Via Crucis* pessoal. No dia 19 de junho, entrou naquele lugar horrível.

Provavelmente teve que passar pelas tropas do quartel que, na entrada do campo, proclamavam ironicamente: “*Arbeit macht frei*” (o trabalho os faz livres). Ali recebeu o número 30.492 e o triângulo vermelho que o distinguia como preso político frente aos dos triângulos amarelos, formando a estrela de Davi dos judeus. Foi enviado à enfermaria, onde padeceu, como um rato de laboratório, os experimentos do doutor Wolter; e numa manhã de verão, quando já não lhe restavam forças, foi-lhe aplicada uma injeção de ácido fênico por uma enfermeira que, anos mais tarde, declararia no processo de beatificação, indicando o efeito tão profundo que deixou nela aquele homem, a quem ela mesma havia matado.

A prisão e a estada do Pe. Tito ali coincidiu com a de outros carmelitas. Após alguns dias de sua chegada ao campo, período no qual os novos se amontoavam em um barracão de recepção, o Pe. Tito foi destinado ao lugar definitivo. Era o número 28, local onde quase todos eram “prisioneiros vermelhos” (políticos). Tanto nesse barracão como nos dois anteriores, havia uma grande quantidade de sacerdotes e religiosos de diversas nações, sobretudo polacos. Não faltavam os alemães. Quando Pe. Tito entrou no seu barracão, alegrou-se ao encontrar-se com Frei Rafael Tijhuis, um carmelita holandês adscrito na fundação de Mainz, Alemanha. Seu “delito político” consistia em dirigir uma carta a seus familiares na Holanda, na qual contava o difícil que era conseguir manteiga na gloriosa Alemanha do Führer. A carta, interceptada pelos serviços de segurança alemães, custou-lhe a prisão em Dachau. Tijhuis era um homem simples, de grande fortaleza física, e sua presença foi um alívio para o Pe. Tito, a quem ajudava constantemente. Também estava próximo o pastor protestante Kaptein, com quem havia convivido em Kleve, e vários sacerdotes e religiosos conhecidos. Além disso, no barracão ao lado havia vários carmelitas polacos, que sofriam, como todo seu povo, a grande humilhação da derrota da invasão brutal. O Pe. Tito com seu humor habitual exclamou quando viu tudo aquilo: “Isto, sim, é um convento!”. Logo dar-se-ia conta do que era.

Hoje, queremos apresentar aos leitores da revista *Escapulario del Carmen* o testemunho exemplar destes carmelitas polacos. Um deles, o Pe. Hilario Januszewski, é considerado como um verdadeiro mártir, e seu processo de beatificação já superou a fase diocesana. Por isso, consideramos que o testemunho desses homens pode ser de grande atualidade para nós carmelitas, não só para os religiosos ou religiosas, mas também para os leigos que vivem, de certo modo, a espiritualidade e o carisma carmelitanos no mundo e na sociedade atual. Por isso, desejamos que este pequeno trabalho não seja uma mera resenha histórica que responda puramente a critérios puramente eruditos ou “arqueológicos”, mas que realmente sirva para a reflexão dos leitores desta revista. Em virtude disso, suprimimos as notas de rodapé da página e certos dados que poderiam fazer mais lenta a leitura.

2 . ALBERT URBANSKI

Entre aqueles polacos cuja situação coincidiu com a do Pe. Tito no barracão de acolhida, teríamos que destacar, em primeiro lugar, Albert Urbanski, que mais tarde seria provincial dos carmelitas polacos. Zenón Urbanski (que, na Ordem, passaria a se chamar Albert), nasceu em Frankowo (província de Bydgoszcz) em 20 de dezembro de 1911. Com

frequência iria recordar que resistira à dureza da vida no campo de concentração por haver nascido em pleno inverno no norte da Polônia, o que lhe preservou de toda debilidade. Foi educado por sua irmã, Júlia, já que sua mãe tinha morrido quando ele era muito pequeno. Como a de Pe. Tito, a família de Zenón era profundamente religiosa, com uma piedade vigorosa, simples, profunda. De fato, teve outro irmão religioso carmelita, que chegou a publicar um pequeno livro de teologia em 1945, sob a direção do Pe. Xiberta, porém que abandonaria a vida religiosa.

O jovem Zenón, após estudar em Lipno, passou ao Carmelo de Lwow, onde realizou seu noviciado em 1931. Neste período de prova, destacou-se por sua observância e espírito de trabalho. Após o noviciado e sua profissão em 10 de outubro de 1932, continuou seus estudos de filosofia em Lwow, donde passou a Cracóvia. Ali conheceu o Pe. Eliseo Sanchez Paredes, carmelita de nossa província bética, que, junto a outros religiosos, foi enviado pelo Padre Geral, Elias Magennis, a Polônia, onde desenvolveu um grande trabalho até 1940, ano em que se viram obrigados a retornar a Espanha, por causa da invasão soviética da Polônia.

De 1935 a 1939, estudou no Colégio Internacional de Santo Alberto, em Roma, quando era prior o famoso Pe. Juan de la Cruz Brenninger. Alguns anos antes (1906-1909) havia estudado ali também o Pe. Tito Brandsma. Em Roma, foi ordenado sacerdote em 10 de julho de 1938. Também ali obteve o título de *lector em teologia*. Pouco depois partiu para Polônia, nas vésperas da grande conflagração mundial que estava se avizinando. A Europa era um fervedouro de interesses, ideias, ideologias, um fervedouro a ponto de estourar.

Já começava a Guerra Mundial. E, após a fulminante invasão alemã da Polônia, alguns carmelitas polacos do convento de Cracóvia foram detidos e enviados ao Campo de Concentração de Auschwitz. Era setembro de 1940. Em Auschwitz (o mesmo lugar em que morreria Edith Stein dois anos mais tarde) ficaram quase três meses; e dali foram enviados a Dachau, onde passaram quatro longos anos de prisão, humilhação e sobrevivência.

São muitíssimas as recordações e as situações vividas no campo de Dachau, que mais tarde seriam incluídas num livro intitulado *Duchowni w Dachau* (O clero em Dachau), publicado em Cracóvia em 1945. Neste sentido, agradecemos pelas traduções que amavelmente nos proporcionaram o jovem carmelita polaco Jan Wozniak, hoje residente no Colégio de Santo Alberto. Entre as muitas lembranças e experiências recolhidas nesse livro, nos narra o Pe. Albert como coincidiu a sua estada com a do Pe. Tito, de quem recorda sobre toda a inteireza e serenidade ante os maus tratos e as açoites dos *kapos* (prisioneiros alemães capatazes). Ainda assim, nos proporciona uma informação valiosíssima acerca dos diversos carmelitas que viveram em Dachau. Alguns deles sobreviveriam, outros passariam para a longa lista das vítimas daquele horrendo lugar.

Também o Pe. Urbanski recebeu vários açoites e maus tratos. O mesmo recorda, em sua obra, os problemas que teve por causa dos piolhos, o que lhe causou duros castigos e brutais represálias por parte do *kapo* Wagner, que quase lhe custavam a vida. Sem embargo, Albert Urbanski sobreviveu todos aqueles anos. Na noite do dia 29 ao dia 30 de abril de 1945, data em que quase mil sacerdotes, religiosos e seminaristas polacos abandonaram milagrosamente o campo, todos eles se viam condenados à morte. Eram momentos confusos. As tropas americanas já estavam perto. O nervosismo acrescentava a brutalidade dos

encarregados do campo e todos pensavam morrer antes da libertação. De fato (e as fotos expostas no campo são, neste sentido, muito significativas) os americanos encontrariam montanhas de cadáveres ao entrar em Dachau. Outros presos haviam sido trasladados pelas mesmas tropas alemãs a outros campos ainda mais longe da frente ocidental, porém restavam mais de trinta mil prisioneiros no campo. As autoridades do campo tinham organizado um plano de aniquilamento em massa daqueles prisioneiros que, apesar disso, conseguiram fugir de modo incrível, graças à intervenção casual de um pequeno comando norte-americano. O massacre estava perfeitamente planejado e teria lugar às nove da noite do domingo de 29 de abril de 1945. O pacto firmado entre os altos comandos alemães e americanos impedia as ações bélicas durante o fim de semana. Na mesma tarde do domingo, um pequeno comando aliado, quase perdido, encontrou-se com alguns soldados alemães, que se sentiram rodeados e pensaram que todo o *Lager* (depósito) tinha caído nas mãos dos inimigos. Renderam-se e contaram aos soldados americanos que em menos de duas horas se produziria o massacre dos prisioneiros. O comando do grupo chamou seus superiores, que lhe repreenderam duramente por haver quebrado o pacto e lhe ordenaram voltar imediatamente. O oficial explicou a seus companheiros o que ia acontecer e, com teimosia, lhes convenceu daquilo que se avizinhava. O objetivo era separar os prisioneiros do grande número de soldados alemães e membros da SS (*Schutzstaffel* = Tropa de Proteção), mais de cinco mil no total, que estavam a certa distância esperando a ordem de exterminar os presos.

No final, tudo sairia bem. As tropas americanas conseguiriam isolar os SS dos milhares de prisioneiros, evitando assim um massacre brutal e sem piedade. Os polacos atribuíram esta libertação à intercessão de São José, pois muitos deles eram devotos de sua imagem, que, há séculos é venerada no santuário de Kalisz. De fato, muitos deles se encomendaram a São José, quando intuía a morte. Ainda hoje os sobreviventes seguem reunindo-se em torno dessa imagem para dar graças por aquela libertação acontecida numa fria manhã da primavera de 1945.

Após a guerra, o Pe. Urbanski destacou-se por um incessante trabalho pastoral, sobretudo no convento carmelitano de N. Sra. das Areias, no centro de Cracóvia. Sempre soube combinar o trabalho pastoral com a dimensão intelectual e o estudo de diversos temas teológicos. Assim, em 1945, apenas terminada a guerra, escreveu uma formosa obra na qual narra a vida, no campo de Dachau, para todos aqueles sacerdotes e religiosos, e descreve a assombrosa libertação. Em 1947, obteve a licenciatura em teologia na Universidade Janguelônica, e 20 anos mais tarde, com grande perseverança e dedicação, o doutorado na Universidade Católica de Lublin. Durante esses 20 anos, sempre desenvolveu uma intensa atividade em diversos campos: pároco, mestre de estudantes, definidor provincial e prior provincial.

No campo teológico sempre teve grande tendência aos temas josefinos. De fato, foi nomeado primeiro presidente do *Studium Josephologiae Calissiae*, dependente do *Studium Mariologiae* polonês, em 1969. Ocupou o cargo até 1976, ano em que, por motivos de saúde, apresentou sua demissão. Após sofrer grande enfermidade, morreu em Cracóvia, no dia 01 de março de 1985.

3. Pe. HILARIO JANUSZEWSKI

O Pe. Hilário Januszewski nasceu no dia 11 de junho de 1907, em Krajenki. Seu nome de batismo foi Paul. Foi educado cristãmente por seus pais, Anne e Maryanne. Após sua época colegial, entrou na Ordem Carmelita em 1927. Foi então quando mudou seu nome para Hilário. Após o noviciado, professou em 30 de dezembro de 1928, e mudou-se para Cracóvia para fazer seus estudos sacerdotais. Ao final de seus estudos, foi enviado a Roma para aprofundar sua formação teológica no Colégio Internacional de Santo Alberto onde conviviam carmelitas de todo o mundo, que viam com preocupação como a situação europeia se complicava dia a dia e alcançava níveis elevados de tensão. Ali, o jovem padre Hilário mostrou-se como um homem prudente e silencioso, amante do estudo, cultivador de uma profunda vida interior e uma vida espiritual bastante rica, como mais tarde assinalariam alguns dos seus companheiros, entre eles o que foi o Prior Geral, Pe. Kylian Healy. Foi ordenado em 15 de julho de 1934. Em Roma pôde conhecer uma geração de carmelitas que marcariam a história da Ordem nesse século: B. Xiberta, J. de la Cruz Brenninger, E. Esteve, A. Grammatico, E. Driessen...

Ao regressar à Polônia foi nomeado professor de teologia dogmática e de história da igreja no alunado da província polaca em Cracóvia. Em 1939, foi nomeado prior desta comunidade pelo Pe. Eliseu Sanchez Paredes, ao qual já fizemos referência. Porém, a Segunda Guerra Mundial iria cortar os sonhos e projetos do jovem prior. No dia 01 de setembro de 1939, após vários meses de tensão internacional em grande escala, a Alemanha declara guerra contra a Polônia. Vinte anos mais tarde são as tropas soviéticas as que iniciam o ataque à parte leste. O frágil exército polonês se rende em ambas as frentes no final desse mesmo mês. Polônia era novamente humilhada e dividida. Deportações em massa, destruição, aniquilação de comunidades judias... O clero polaco não escapou dessa perseguição. Um ano depois da invasão, o poder invasor decretou a prisão de numerosos religiosos e sacerdotes. O Carmelo de Cracóvia foi especialmente castigado: no dia 18 de setembro eram presos, como já sabemos, A. Urbanski, A. Wszelaki, M. Nowakowski, P. Majcher. Logo lhes seguiria o prior da comunidade, H. Januszewski, que se ofereceu no lugar do Pe. Konoba, de mais idade e enfermo.

O itinerário do grupo dos carmelitas passa por dois dos nomes mais terríveis da história da humanidade: Auschwitz e Dachau. Lá estiveram em julho de 1942 juntamente com o Pe. Tito Brandsma. Vários deles não resistiriam aos anos de prisão, como o Pe. Leon Michail Koza, que morreu na vigília da Assunção de 1942 (dois meses antes do Pe. Tito) por esgotamento físico provocado pelo duríssimo trabalho do campo. Poucas semanas depois, morreria também o Pe. Szymon Buszta, exausto e esgotado física e psicologicamente. Faziam o trabalho de animais, comiam muito pouco e continuamente eram maltratados.

O Pe. Hilário é consciente de sua fortaleza psicológica e, seguindo o conselho do apóstolo Paulo, não somente resiste duramente às condições do campo, mas ajuda e sustenta a debilidade dos que estão à sua volta. Essa força o leva a viver três anos mais naquele inferno. Com o duro inverno de 1945 começam a chegar notícias da debilidade do exército alemão, de uma possível retirada e, inclusive, de uma possível libertação. A vida do campo tornara-se insuportável. À rotina diária eram acrescentadas as contínuas ameaças de bombardeios, a

redução da comida, o nervosismo dos *kapos*, que intensificavam as agressões e os métodos repressivos, etc.

O barracão de número 25 estava sendo utilizado para abrigar desumanamente todos os enfermos de tifo, que cada vez eram muito mais numerosos. As autoridades do campo ofereceram aos sacerdotes polacos a possibilidade de por em prática suas “teorias” sobre a caridade cristã e atender os enfermos de tifo. A libertação já era iminente e o risco de morte no maldito barracão 25 era muito alto. Apesar disso aquele carmelita não duvidou em oferecer-se como um dos primeiros voluntários.

O testemunho das palavras dirigidas a seu amigo o Pe. Bernard Czaplinski (que mais teria seria bispo de Chelm), pouco antes de encaminhar-se àquele barracão, ainda hoje é impressionante: “Tu sabes que não sairei vivo dali...”

Na verdade, o Pe. Januszewski nunca sairia vivo de Dachau. Após 21 dias de serviço exemplar aos enfermos, morreu contagiado de tifo. O barracão 25 convertera-se numa macabra tumba, na qual os americanos, que libertariam o *lager*, poucos dias mais tarde, encontrariam nada mais que centenas de cadáveres amontoados. O Pe. Urbanski, que esteve nos últimos dias junto a seu prior, acompanhou-o nos momentos finais e, como já sabemos, foi libertado com outros sacerdotes polacos.

Quanto aos outros carmelitas polacos, deve-se recordar que Frei Paweł Majcher adoeceu gravemente de malária, porém tentou dissimulá-lo para não ir ao hospital. Ao final, teve que ir. Foram-lhe administradas varias injeções experimentais que lhe deixaram marcas em seu fígado por toda sua vida. E. Wszelaki e M. Nowakowski conseguiram também sobreviver. O Pe. Bruno Makowski, Frei G. Kowalski e os já indicados, L.M. Koza y S. Buszta, não resistiram e deixaram suas vidas no *Lager*. Uma fotografia de cada um deles está exposta no claustro do convento de Cracóvia. É uma pequena, porém significativa homenagem de seus irmãos.

4. MENSAGEM PARA NÓS HOJE

É certo de que nossa sociedade de finais do século XX não é a mesma daquela do período do entre-guerras ou da Guerra Mundial. Apesar disso, certos fatores ou elementos daquela situação podem nos dar determinadas pistas, na hora de interpretar e entender a missão dos carmelitas e dos cristãos frente a certos problemas de nosso contexto. É neste sentido que nos atrevemos a apresentar certas linhas de reflexão que podem ser sugestivas para debates posteriores.

Nossa sociedade atual vive o ressurgimento de movimentos violentos, racistas, demagógicos. A situação de crise econômica, a perda de valores, a desorientação de muitos setores sociais, especialmente entre a juventude, propiciam o ressurgimento de certas ideologias, aparentemente seguras e firmes em suas convicções e que, por isso, convertem-se em atrativos para certo tipo de pessoas. Seu conteúdo produzido vem adornado da corrupção em muitas estruturas de poder, o descontentamento, a aparente debilidade dos sistemas democráticos, etc.

Sem chegar a este extremo, outros grupos sociais (nos quais se incluem aqueles que creem) deixam-se levar pela tentação do desânimo, da desconfiança social, do medo em última análise. O objetivo de nossas vidas se reduz, então, ao consumismo, a um materialismo alienante e despersonalizador, que produz grande insatisfação, sentimento que se agrava pela crise econômica.

Diante deste panorama, o testemunho dos carmelitas polacos pode ser de grande interesse para muitos de nossos jovens (setor no qual todos os elementos da crise se deixam sentir de uma maneira mais dura). Em primeiro lugar eles souberam manter a serenidade e a esperança apesar das dificuldades. Nos momentos de crise, é quando as grandes pessoas, os grandes crentes, mostram quem são e o que levam dentro. Nunca perderam a fé na sociedade ou no homem, a quem serviram até ao último momento, e no caso do Pe. Hilario, até à doação da própria vida.

Seu testemunho é um convite para renovar nossa fé e nossa esperança, a oferecer algo a uma sociedade um tanto cansada, a contribuir com nossas forças e nosso testemunho à construção de uma sociedade melhor. Como também fizera o Pe. Tito Brandsma, de modo claro, sua vida transforma-se num testemunho de paz e reconciliação entre os homens e entre os povos. Pensemos, por exemplo, que aqueles enfermos de tifo aos quais ajudou o Pe. Hilario Januszewski, eram, em sua maioria, russos, ou seja, pertenciam àquela nação que tantas vezes havia invadido a Polônia (e que praticamente o faria uma vez mais ao terminar a guerra), o que nos faz valorizar mais, se é possível, o gesto deste homem.

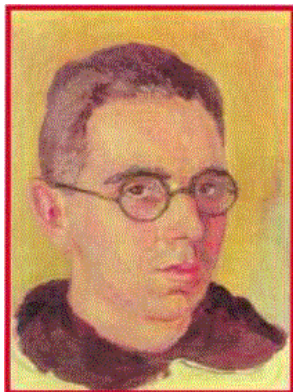
Todavia, tudo isso não surgia na vida dessas pessoas de forma espontânea, mas de uma profunda vida interior, uma intimidade divina que lhes enchia de força e de coragem nas circunstâncias mais adversas. É um traço fundamental da nossa espiritualidade: o profetismo que brota da união interior com Deus, com um Deus próximo que se manifesta no homem e na história, e que o carmelita, por sua vida interior, é capaz de descobrir até nas situações mais terríveis.

Por último, é digno de destacar esse espírito comunitário que soube manter este grupo de carmelitas em sua vida no campo de concentração. O valor da vida comunitária é um dado essencial de nosso carisma. Hoje em dia, é um valor certamente relativizado a partir de uma concepção da vida mais individualista, privada, uma concepção que exalta a não solidariedade frente ao comum. Apesar disso, a mesma vida nos mostra, dia após dia, a necessidade que temos dos outros, numa partilha que não anule as individualidades e as peculiaridades pessoais, mas que ajude a combinar esforços para um crescimento e enriquecimento mútuo. O exemplo destes carmelitas, “sofrendo comunitariamente” a prisão e a privação da liberdade, pode ser para nós bom incentivo para aprofundar, enriquecer e valorizar mais nossa vida comunitária.

Hoje, estamos terminando o processo diocesano, e a causa de beatificação do Pe. Hilário Januszewski encaminha-se para um final feliz. É mais outro exemplo de santidade nos momentos terríveis e dramáticos. Pode ser um novo carmelita elevado aos altares, mais um fruto de uma espiritualidade a serviço da Igreja e da humanidade. Oxalá que seu exemplo ajude-nos a todos os carmelitas do mundo (religiosos, religiosas, leigos) nas situações de dúvida, confusão ou violência em que vivemos.

Fonte: Revista Escapulario del Carmen 91 (1994) 120-129. Texto postado em www.ocarm.org.

O Pe. Hilário Januszewski foi beatificado em 13 de junho de 1999, na Polônia, juntamente com 107 mártires poloneses da Segunda Guerra Mundial.



BEATO PE. HILÁRIO JANUSZEWSKI, O.C